

O ADJETIVO EM KAINGANG: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Gislaine Domingues

Orientador: Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar as classes de palavras da língua kaingang (Tronco Macro-Jê, Família Jê). Nosso foco, neste trabalho, será a classe dos adjetivos. A pesquisa incorpora-se a um projeto maior: “Gramática pedagógica da língua kaingang”, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina e coordenado pelo professor Ludoviko Carnasciali dos Santos. Pretendemos contribuir com a descrição desta língua e subsidiar a produção de uma gramática a ser utilizada como material de apoio pelos professores bilíngües das escolas indígenas do Norte do Paraná, uma vez que não há material deste tipo disponível. Utilizaremos, como base metodológica, a teoria funcionalista, que teve sua origem nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, conhecida por priorizar a análise de fenômenos linguísticos considerados em seus próprios termos. Utilizaremos, na coleta de dados, questionários constituídos de orações, em português e kaingang que apresentem as estruturas do objeto de análise.

Palavras chave: gramática, kaingang, adjetivos.

1. JUSTIFICATIVA

Existem cerca de 180 línguas indígenas faladas no Brasil. Dentre elas, o kaingang pertence à família Jê, que integra o tronco Macro-Jê. É falada no Sul do Brasil. Consoante Abreu:

“A língua kaingang é uma das línguas com maior número de falantes entre as línguas indígenas do Brasil. O povo kaingang está espalhado em muitas regiões ao longo dos três estados do sul do Brasil e no interior de São Paulo, totalizando mais de 29 mil falantes. Só no estado do Paraná são mais de sete mil falantes. Como estão bem espalhados, desenvolveram vários dialetos, que diferem apenas na pronúncia e em algumas palavras do léxico. No Paraná são reconhecidos apenas dois dialetos: um nas regiões ao norte do Rio Iguaçu (Rio das Cobras, Marrecas, Ivaí, Faxinal, Queimadas, Mococa, Apucarantina, Barão de Antonina e São Jerônimo da Serra) e outro nas regiões abaixo do Iguaçu (Mangueirinha e Palmas)”. (Abreu, 2009, p.21)

A motivação em contribuir com a descrição desta língua justifica-se pela possibilidade de contribuição para o conhecimento lingüístico. Outro ponto importante seria, a nosso ver, a gramatização¹ do kaingang, que contribuiria não apenas para a melhoria do ensino, mas também para o fortalecimento e divulgação da língua.

Neste sentido, voltamos nossa atenção ao projeto de elaboração de uma gramática pedagógica da língua kaingang, a ser utilizada por professores e alunos das escolas indígenas. Este projeto está sendo desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina, coordenado pelo professor Ludoviko dos Santos.

¹Gramatização é o termo elaborado por Sylvain Auroux (1992, p.65), para designar “o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua”

2. OBJETIVOS

O objetivo desta pesquisa é analisar e descrever as ocorrências do adjetivo na língua kaingang.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho adota os preceitos da corrente funcionalista da linguagem. Uma das propostas centrais do funcionalismo é de analisar as estruturas linguísticas sem separar o sistema de seu uso.

Nesta linha de raciocínio, sintaxe e semântica estariam abaixo da pragmática, considerada o componente mais amplo. Ao tratar da relação que se estabelece entre pragmática, sintaxe e semântica, Dik (1997) pontua:

“A semântica é considerada como fundamental no que diz respeito à pragmática, e a sintaxe como instrumental em relação à semântica. Nesta visão não há espaço para algo como uma ‘sintaxe autônoma’. Ao contrário, na medida em que uma divisão clara e ampla pode ser feita entre sintaxe e semântica, a sintaxe está aí para que as pessoas sejam capazes de formar expressões complexas e com significados complexos, tais significados estão lá, por sua vez, para que as pessoas sejam capazes de se comunicar de diferentes maneiras.”² (DIK, 1997, p.8).

Neste sentido, a adequação pragmática seria o fator mais importante na organização e descrição da competência comunicativa. Ligadas a ela estão a adequação tipológica e a adequação psicológica.

² Texto original: “ Semantics is regarded as instrumental with respect to pragmatics, and syntax as instrumental with respect to semantics. In this view there is no room for something like an ‘autonomous’ syntax. On the contrary, to the extent that a clear division can be made between syntax and semantics at all, syntax is there for people to be able to form complex expressions for conveying complex meanings, and such meanings are there for people to be able communicate in the subtle and differentiated ways.”

De acordo com Dik (1997), a adequação tipológica é capaz de fornecer gramáticas para quaisquer tipos de línguas e também estabelecer de maneira sistemática as diferenças e semelhanças entre elas.

Ainda segundo o autor, as adequações psicológicas dão conta dos modos de produção e compreensão dos diversos usos linguísticos. Assim, os modos de produção definem como os falantes atuam para construir e formular expressões linguísticas. Enquanto que, os modos de compreensão especificam o modo pelo qual os ouvintes atuam para processar e interpretar as expressões linguísticas.

Partindo dos apontamentos mencionados e, por entendermos a linguagem como uma faculdade humana, decorrente da interação social e do contexto sociocultural no qual o grupo de fala está inserido, desenvolvemos a descrição e análise do kaingang a partir dos pressupostos teóricos do funcionalismo.

Para discussão acerca das classes de palavras adotamos as visões de Camara Junior (2009), Payne (1997) e Gívon (1984, 1995, 1997, 2001).

4. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Segundo Santos (1997, p.21) a coleta de dados deve ser realizada de maneira que proporcione uma interação entre o trabalho do linguista e do informante. É também imprescindível que o linguista busque conhecer a história da comunidade pesquisada, a fim de que se estabeleça um vínculo de respeito e harmonia entre os participantes.

Desta maneira, compreendemos que antes da coleta de dados é de suma importância a busca por informações pertinentes ao espaço sociocultural que os informantes partilham tentar entender suas histórias, para que assim se estabeleça um vínculo humanístico e favorável ao

desenvolvimento desta pesquisa. A respeito desta relação, pontua Santos (1997):

“O papel do informante não se limita, necessariamente, a ser um fornecedor de dados habilmente elicitados pelo pesquisador, o que caracterizaria uma interação passiva por parte do informante. Entendemos essa interação como algo mais abrangente, isto é, o informante deve ser um interlocutor ativo no sentido de haver uma troca de informações úteis não só para o pesquisador, mas também para o informante, levando-o a não apenas falar sua língua, mas também a falar sobre ela.” (SANTOS, 1997, p.21).

Santos chama atenção à importância da fase de constituição do corpus da pesquisa, leva-nos à compreensão de que, apesar do interesse linguístico, devemos também estar atentos à relação da troca que, automaticamente, ocorre durante a coleta de dados. Neste sentido, fez se necessário, também, a observância do contexto extralinguístico, em nossa análise.

Para a constituição do corpus da pesquisa, procedemos com a coleta de dados a partir da elaboração e aplicação de questionários constituídos de orações, em português e kaingang, que apresentam as estruturas do objeto de análise, neste caso, o adjetivo.

5. CLASSE DE PALAVRAS

Camara Jr.(2009) adota três princípios básicos que devem ser considerados na classificação de palavras, a saber:

“Há em princípio, três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do universo bissocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outro, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical que podem

apresentar. Um terceiro critério, que teve muita acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística sincrônica de Bloomfield, é o funcional, ou seja, a função ou papel que cabe ao vocábulo da sentença.” (2009, p.77).

Estabelece o seguinte quadro dos vocábulos formais, com base em critérios morfossemântico e funcional (2009, p.79):

Nome – Substantivo (termo determinado).
Adjetivo (termo determinante de outro nome)
Advérbio (termo determinante de um verbo)

Verbo

Pronome - Substantivo (termo determinante)
Adjetivo – (termo determinante de um nome)
Advérbio- (termo determinante de um verbo)

Gívon (2001, p.48) aponta quatro principais classes de palavras lexicais: o substantivo, o verbo, o adjetivo e o advérbio. Entretanto, ressalta o substantivo e o verbo como as classes lexicais de maior importância em todas as línguas. Ele enfatiza que os substantivos, os adjetivos e os verbos podem ser inicialmente separados por um conjunto de quatro critérios semânticos. Estes critérios são os traços semânticos mais genéricos ou classificatórios do nosso léxico conceitual e estão provavelmente no topo da hierarquia dos traços semânticos pelo quais os seres humanos classificam suas experiências. São eles:

- Temporal stability (rate of change over time); estabilidade temporal (taxa de variação ao longo do tempo);
- complexity (number of defining sub-features); complexidade (número de definição de sub- funções);
- concreteness (physicality); concretude (físico);

- spatial compactness (degree of spatial scatter);compactação espacial (grau de dispersão espacial).

A seguir, trataremos, brevemente, alguns conceitos relacionados à classe dos adjetivos.

5.1.1 Adjetivos

A distinção entre as classes gramaticais de substantivo e adjetivo pode se tornar tarefa difícil e imprecisa, em grande parte das línguas. Camara Jr. na tentativa de dividir os termos substantivos e adjetivos, apresenta as seguintes colocações:

“Já sabemos que os nomes portugueses se dividem do ponto de vista funcional, em substantivos e adjetivos. Em princípio, não há entre as duas subdivisões uma distinção de forma. Muitos podem ser, conforme o contexto, substantivo ou adjetivo, ou seja, funcionar numa expressão como determinado ou como determinante, respectivamente. Assim, um marinheiro brasileiro é um marinheiro (substantivo) que de nacionalidade brasileira (sua qualificação expressa por um adjetivo), da mesma sorte que um brasileiro marinheiro logo se entende como um brasileiro (substantivo) que adotou a profissão da marinha (qualificação adjetiva). Há, entretanto, muitos nomes que são essencialmente adjetivos (belo, grande etc.) e outros que são essencialmente substantivos (homem, leão etc.). Mas ainda aqui a distinção funcional não é absoluta: um homem leão é aquele que tem a coragem de um leão e corresponde a – um homem corajoso.” (2009, p. 87).

Thompson, (1988 apud Payne 1997, p.63) concorda com o fato de a classificação dos adjetivos ser um problema em toda a língua e ainda completa a afirmação quando pontua que ao contrário dos verbos e substantivos, os adjetivos não podem ser caracterizados em termos de um

protótipo, isto porque não existe uma classe semanticamente definida de conceitos, os quais universalmente possam ser caracterizados como adjetivo.

Os adjetivos ficam entre os nomes e os verbos, em algumas línguas, por exemplo, não há uma distinção formal na categoria de adjetivos. Em línguas nas quais ocorre a distinção morfossintática da classe dos adjetivos, estes podem expressar pelo menos, as seguintes propriedades: idade, dimensão, valor, cor, características físicas, forma, propensão humana e velocidade. Em algumas línguas o conceito de propriedade é lexicalizado por verbos, além disto, um verbo pode ser utilizado como um modificador, sem que para isto tenha uma morfologia especial, em alguns casos, adjetivos são tratados formalmente como um verbo quando são predicadores ou como substantivo quando são modificadores.

5.1.2 Exemplos da ocorrência do adjetivo em kaingang.

Adjetivos

1 - Giz **kupri** vỹ tũg
Giz branco m.s acabar.
O giz branco acabou.

2 - Gĩr **sĩ** fi vỹ fỹ
Menino pequeno m.f m.s chorar.
A menina pequena chora.

3 - Giz vỹ **kupri** jẽ
Giz m.s branco asp.
O giz é branco.

4- Kasor vỹ **jũ** jẽ.
Cachorro m.s bravo asp.
O cachorro é bravo.

5- Ludovico vỹ **tėj** jě.
 Ludoviko m.s alto asp.
 O Ludoviko é alto.

** conforme a distribuição estrutural (**kupri e sĩ**) são palavras adjetivas, pois modificam o substantivo no sintagma nominal (exemplo 1 e 2). Já nos exemplos 3,4 e 5 as palavras (kupri ,jũ e tėj) apresentam semântica de adjetivo atributivo, entretanto, são verbos descritivos pois ocupam o núcleo do sintagma verbal e recebem as marcas de aspecto, comum a classe de verbos.

6- CONCLUSÃO

As leituras realizadas até o momento e a análise, preliminar, dos dados tem demonstrado que na língua kaingang há ocorrência do adjetivo modificando o substantivo no sintagma nominal da oração. Notamos também, que há em kaingang a presença de verbos descritivos, ou seja, tem função de verbo, mas apresenta semântica de adjetivo atributivo. Nestas poucas análises ampliamos nosso conceito acerca da necessidade de se descrever as ocorrências morfossintáticas da língua kaingang, em vista de elucidarmos melhor as hipóteses levantadas neste trabalho.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Emília Rezende Rodrigues. **Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em kaingang**. 2009. – Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

AUROUX, Sylvain. **A revolução da Gramatização**. Campinas: Unicamp, 1992.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ Editora Vozes 2009 42. ed.

DIK, S.C. The theory of functional grammar- Part 1: The structure of the clause. 2 ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GÍVON, T. Syntax: a functional typological introduction. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

_____. Functionalism and grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. Grammatical relations: an introduction. In: GIVÓN, T. (Ed.) Grammatical relations, a functionalist perspective. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

_____. Syntax, an introduction. Vol.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

PAYNE, T. E. Describing morphosyntax – a guide for field linguists. New York: Cambridge University Press, 1997.

SANTOS, Ludoviko. Elementos de Pesquisa: **A Descrição de Línguas Indígenas**. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ – CELLIP, 7, 1994, Paranavaí. **Anais...** Paranavaí, 1994. p 555 – 558.

FUNDAÇÃO NACIONAL DA SAÚDE – FUNASA. Disponível em: <<http://www.funasa.gov.br>> Acesso em: 12 de abril de 2012.

PORTAL DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/estaticas/alunos/indios_terras.php> Acesso em: 12 de abril setembro de 2012.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>> Acesso em: 12 de abril de 2012.

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL - ISA. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso em: 12 de abril de 2012.